

Exercício do Laboratório de Escrita

Nicole Christine Costa Ferreira

A moça acorda às cinco horas, após um sono de doze minutos. Desvencilha-se do recém-marido, apagado de champanhe, sem as calças do smoking, e se esgueira pelo quarto, desviando das flores e embrulhos pra não incomodar ninguém, nem mesmo o silêncio. Da festa restou aquilo; do penteado, só as queimaduras no escalpo, uns cachos paralisados pela gosma purpurinada; o brilho nos olhos era só o gliter.

Troca de roupa no escuro. Ajoelhada ao lado da cama, não consegue rezar a Santa Clara e beija o cabelo de seu homem. Sussurra *te amo* por saber que ele não ia ouvir; e não deixa bilhete, mas deixa a aliança pra não terem o trabalho de tirar depois. Com roupas antigas desce os doze andares do Edifício Montecarlo e entra no seu carro, presente de noivado com mais cheiro de marido que de novo.

À essa hora da madrugada a Visconde de Pirajá não tem muito do seu charme; em vez das grifes cujas paredes de vidro ela finalmente poderia atravessar, havia apenas os ônibus — caóticas filas de ônibus descarregando os bloquinhos de uniforme cujo caminho ela conhecia bem demais e tinha jurado nunca mais percorrer. Mas a jura não devia valer se fizesse o caminho em sentido inverso; se valia, problema, a quebraria mesmo assim. Conforme volta e sobe a Ary Barroso, os bloquinhos ganham vida, vidas que ela reconhecia e lembrava de amar; a dona Adelia, que estava abrindo o bar e a olha assustada, para ela abre um sorriso enorme e acena com euforia; seu Paulo sorri com voz profunda:

—Bom dia, dona Ana!

Mas também de tudo aquilo resta pouco; fantasias babilônicas. Logo chega em casa. Estaciona o carro, sobe as escadinhas, vira em vielas e abre o portão. Encontra a mãe na velha cama das duas, e sente-se como Davi cortando a barra do manto de Saul quando tira da mesa de cabeceira o cinto das tachinhas douradas, ainda firmes, ainda afiadas. Observa a mãe em seu sono de três Diazepams, abraçada às sacolinhas de bem-casados e brindes do casamento, e esquece do que devia pensar. Pena que a madrugada passasse tão rápido. Então sobe ao terraço, amarra o cinto nas vigas e se enforca, pra acabar virando anedota no bar da dona Adelia e no caderninho de um escritor.